



LINHA 1: Línguas e Literaturas em suas diversas conceitualizações, teorias críticas e crítica literária



Márcio Catunda Ferreira Gomes

DOI: <https://doi.org/10.56814/2bdq0768>

PERSONAGENS INDELÉVEIS DE ROMA NO FIM DA REPÚBLICA E NO INÍCIO DO IMPÉRIO

RESUMO: A poesia da Roma antiga, do tempo dos Césares, revela peculiaridades do povo romano, bélico em muitos momentos da expansão do Império Romano, mas terno e lírico nas demonstrações das individualidades. Assim, desfilam épicos, trágicos e líricos numa poesia tecnicamente metrificada e rimada de acordo com os ditamos das Poéticas de Aristóteles, Horácio e Longino. Aqui, um breve passeio sobre a diversidade destes poetas e a grandeza do espírito romano que se espalhou pelo mundo através das línguas oriundas do Latim. No início da Era Cristã, apenas dez por cento da população romana sabia ler e escrever. Mas isso não foi empecilho para a difusão da poesia romana. Entre Lucrecio, Epicuro, Catullo e outros vates, abrigados ou não nos palácios, que nos legaram uma história de conquistas, uma diversidade cultural e uma poiesis superior na passagem do paganismo para o cristianismo.

PALAVRAS-CHAVE: Poetas; Roma; Poesia Romana

**Márcio Catunda
Ferreira Gomes**

Escritor e diplomata
MRE.

É membro da
Associação Nacional
de Escritores de
Brasília (ANE), da
Academia de Letras do
Brasil, do Pen Clube
do Brasil, da União
Brasileira de Escritores
(UBE) e da Associação
Profissional de Poetas
do Rio de Janeiro
(APPERJ).

PERSONAGENS INDELÉVEIS DE ROMA NO FIM DA REPÚBLICA E NO INÍCIO DO IMPÉRIO

Nos tempos de Júlio César (século I a.C.), enquanto os soberanos deificados desfilavam em quadrigas do Campo de Marte ao Capitólio, os poetas escandiam, em rolos de papiro, a poesia alexandrina. Lucrécio e Catulo pautaram seus versos sobre a métrica dos gregos. Recorde-se, por oportuno, que no início da Era Cristã, apenas dez por cento da população romana sabia ler e escrever.

Lucrécio (Titus Lucretius Carus), autor de *De rerum natura*, transmutou em poesia o sistema doutrinário concebido por Epicuro, segundo o qual a natureza é a fonte da vida.

Catulo (Gaius Valerius Catullus), cuja família hospedava Júlio César em sua vila em Verona, dedicou seus cantos a Clodia, mulher de Metello Celere, proconsul da Gália Cisplatina. Deu-lhe a alcunha de Lesbia, em alusão a Safo, cuja lírica imitou. Nem depois da morte do marido de Lesbia cessaram os ciúmes do poeta, que acusava Clodia de flertar com os efebos. Catulo viveu resmungando em poesia a prostituição de sua querida. Morreu aos 30 anos de idade, nos estertores da República, depois de nos legar sua lírica repleta do frescor juvenil da arte itálica e da maturidade ancestral das canções de Lesbos e de Calímaco.

Cícero (Marcus Tullius Cicero) nasceu em Arpino, a 100 quilômetros de Roma, no ano de 106 a.C. Despontou como advogado no governo autocrata de Sila, o antecessor de Júlio César. Depois de ter defendido um desafeto de Sila, de quem o soberano confiscara a propriedade, Cícero precisou refugiar-se em Atenas, onde se dedicou ao estudo da filosofia e da retórica. Regressou à Urbe, após a morte de Sila, e exerceu os principais cargos públicos: foi questor (na Sicília), edil, pretor e cônsul, desempenhando, portanto, funções de administração, fiscalidade e justiça. Seus discursos inflamados contra a revolta de Catilina valeram-lhe o título de Pai da Pátria.

Artigo publicado na *Revista National Geographic* (número 217), intitulado La Vida Privada del Hombre más Poderoso de Roma, enumera as amantes que teve o ditador Júlio César, inclusive a mãe de seu assassino Brutus, à qual César dava presentes, joias preciosas, e mesmo assim, Brutus o matou. Na referida publicação, estão mencionados os versos satíricos com que o poeta Catulo se refere ao mandatário romano: Que bem se dão esses sem-vergonhas invertidos: o putro Mamurra e César. Não é estranho; manchas iguais têm ambos, as levam gravadas, não as apagarão. Igualmente enfermos, gêmeos os dois, instruídos ambos na mesma caminha (p. 71).

A *National Geographic* omitiu o principal: o licencioso Julio César, que se dizia descendente de Vênus, além do culto da personalidade, foi um historiador de méritos.

Narrou, como se sabe, em *De Bello Galio*, os combates contra os gauleses e, em *De Bello Civilis*, a guerra civil contra Pompeu.

Depois que as invencíveis tropas de Júlio César derrotaram as de Pompeu, os senadores apunhalaram seu líder em 44 a.C., sob o pretexto de haver reduzido seus privilégios e roubado os tesouros do Templo de Saturno, onde havia o *Aerarium*, órgão público responsável pelas finanças da República.

Cícero pôs-se a favor de Caio Otaviano, sobrinho-neto de Júlio César, na disputa com Marco Antônio pela sucessão do trono. Otaviano condenou à morte os conspiradores dos “idos de março” e compôs o Triunvirato com Lépido e Marco Antônio. Cícero gozava de inigualável prestígio na corte culta de Otaviano, ao lado de Virgílio e Horácio, quando Marco Antônio vingou-se do orador, que o atacara em seus discursos intitulados Felípicas (em alusão aos discursos de Demóstenes contra Felipe da Macedônia). No ano 46 a.C., dois anos depois do assassinato de Júlio César, Marco Antônio mandou degolar o grande tribuno e filósofo, autor de *De Natura Deorum* (A Natureza dos Deuses), *De Divinatione* (Adivinhação) e *De Oratore* (A Arte Oratória). Em sua obra fundadora da filosofia romana, Cícero formulou o axioma de que a mais alta função da alma é a contemplação, por meio da qual o homem piedoso pode ter acesso à cidade dos deuses.

A República não se sustentou, depois das lutas de Mário e Sila e da ditadura de César. Para sagrar-se à magnitude imperial, Otaviano combateu e derrotou Marco Antônio, que o desafiara, tentando um golpe de Estado. Em seguida, empavonou-se com os títulos de Augusto, Pontífice Maximus e *Pater Patriae*, permanecendo implacável com os adversários.

Disse-me, certa vez, Carlos Drummond de Andrade, em uma das reuniões na casa de Plínio Doyle, que os romanos escreveram tudo, e nós, o que fazemos, é reescrever os temas sobre os quais eles discorreram. De fato, as edificações do Império Romano estão cobertas pelos aluviões do tempo. A obra dos poetas de Roma, no entanto, sobrevive e nos inspira nos tempos hodiernos.

Virgílio (Publius Virgilius Maro), autor de *Bucólicas*, *Geórgicas* e *Eneida*, nasceu em Mântua, em 70 a. C. Foi morar em Roma ainda jovem. A família de Virgílio havia sido prejudicada pelos confiscos de propriedades rurais, praticados por Otaviano Augusto, para premiar veteranos da guerra contra os assassinos de Júlio César. O poeta recorreu ao poderoso ministro Mecenas, para reparar a falta cometida pelo soberano. Mecenas reunia os poetas em sua *villa*, situada no Esquilino. Ali Virgílio foi apresentado ao imperador Augusto. O mandatário de Roma apreciou a poesia didática das *Geórgicas*, escrita de 37 a 30 a.C., que elogiava a vida campestre e difundia conhecimentos sobre a lavoura, a pecuária, a veterinária e a apicultura, influenciando a população a cultivar os campos. As *Bucólicas* também foram

bem apreciadas e representadas ante o público de Roma, em ocasiões em que o poeta recebeu consagradoras homenagens.

Virgílio dedicou a Augusto a *Eneida*, o mito fundador da nação romana, à maneira da *Iliada* e da *Odisseia*, do bardo grego. Eneias, o troiano, escapara das ruínas de Tróia, vivera sua peripécia em Cartago e chegara às margens do Tibre para fundar Roma.

Virgílio apresentou Horácio (Quintus Horatius Flaccus) a Mecenas, e o protetor das artes, cujo nome tornou-se o gentílico de benfeitor da cultura, convidou o jovem poeta, então um simples escrivão, a serviço do Questor, para o cargo de secretário de Augusto. Horácio escusou-se do encargo, sob pretexto de não ter vocação para a política. Mecenas ofereceu ao poeta uma residência em Sabínia, onde Horácio pôde dedicar tempo integral à literatura.

Com Virgílio e Mecenas, Horácio meditou, em passeios bucólicos, bebendo o vinho de dois anos na pátera. Ao som da lira dórica, rezou a Vênus, Rainha de Pafos, para que intercedesse junto a Glícera, de delicada cintura, e nela despertasse o estardalhaço da volúpia. Ao som da flauta bárbara, cantou, com plectro leve, o noturno encontro em que se escutam serenos sussurros. Ao som do vento, de canoras cordas, desfrutou o dia votivo nos jardins de Ustica. Jamais trocaria as ribeiras do vale sabino por riquezas que inquietam a alma.

Propércio (Sextus Aulus Propertius) também frequentou a corte de Mecenas. Se Catulo sofreu tormentos e alegrias em sua paixão por Lésbia, Propércio viveu o mesmo enlevo de alma no apaixonamento por Cynthia, a inspiradora de suas Elegias, escritas à maneira dos gregos. Como nos epigramas de Catulo, nota-se, na poesia de Propércio, o monólogo interior de um ciumento. O poeta escusou-se, perante seu protetor, de não se sentir capaz de cantar as glórias de Roma nem os feitos de Augusto. Só o amor era o motivo de seus combates. De fato, hoje em dia, seus poemas de amor estão mais traduzidos e editados do que os cantos que dedicou aos templos capitólios e palatinos.

Virgílio e Horácio se beneficiaram da amizade de Mecenas e Augusto, antes que as relações entre estes próceres se deteriorassem, quando o imperador se fez amante da mulher de seu assessor cultural.

Ovídio (Publius Ovidius Naso), autor de *Ars Amatoria* e das *Metamorfoses*, notabilizava-se recitando poemas nos festins e banquetes da vida aristocrática. Escreveu versos lascivos e divertiu-se elegantemente. Há controvérsias quanto ao motivo de seu desterro em Constância, às margens do Mar Negro, no ano 8 d.C. Ovídio frequentava a corte de Giulia *minore*, neta de Augusto, filha do casamento de Giulia *maggiore* com Agrippa. Augusto desterrou a neta, a exemplo do que fizera com Giulia *maggiore*, porque Giulia *minore* ludibriava o marido Emilio Paulo. A lama respingaria em Ovídio, que também foi condenado ao exílio, supostamente por haver incentivado a conduta luxuriosa da neta do imperador.

Não se sabe ao certo se teve envolvimento amoroso com Giulia *minore*. O certo é que os livros de Ovídio foram retirados das bibliotecas por ordem do Pater Patriae.

Durante o exílio, Ovídio escreveu *Elegias*, *Epístolas ex Ponto*, *Tristia* e os inacabados *Fastos*, que versam sobre a religião romana. Nas canções de *Tristia*, escritas na costa do Mar Negro, o poeta chorou sua saudade da Lua, cavalgada pelos corcéis nas noites da Urbe, e do Capitólio, divisado no alto. Longe de Roma, Ovídio morreu de desgosto, aos sessenta anos, em 17 de nossa Era.

Augusto teve como sucessor o seu genro Tibério, em cujo reinado Jesus foi crucificado. Tibério teve em seu currículo a mácula de ter mandado eliminar o sobrinho e filho adotivo Germânico, cuja mulher, Agripina, foi a mãe de Nero. Todos os que conspiraram contra Tibério foram condenados à morte, exceto Agripina.

Calígula sucedeu a Tibério e não tardou a cometer atos de insanidade mental. Nomeou Cônsul o seu cavalo, condenou à morte alguns filósofos e derrubou estátuas para substituí-las pela própria. O tiranicídio, perpetrado por Cássio, comandante dos pretorianos, amenizou temporariamente o clima de terror e demência vigente, até que Nero assumiu o governo, graças ao trabalho perspicaz de Agripina, que envenenou Cláudio, o sucessor de Calígula.

Nos tempos de Nero (de 54 a 68 d.C), Domiciano (de 81 a 96 d.C) e Trajano (de 98 a 117 d.C), destacam-se escritores de altíssima categoria que formaram a tradição literária do mundo ocidental: Sêneca; Plínio, o Velho; Petrônio; Plínio, o Moço; Marcial e Juvenal, para citar apenas os que mais me aprazem.

O Senador Lúcio Aneu Sêneca, de quarenta anos, doutor na Arte da Consolação, fora alijado da vida pública pelo execrável Calígula. Depois de sete anos exilado na Córcega, por haver fornicado com a bela e loura Giulia Livia, sobrinha de Claudio, Sêneca foi reconduzido à camarilha imperial para ser preceptor de Nero. O primeiro propósito que esperou de seu pupilo imperador foi a supressão da pena de morte.

Depois de que o perverso Nero, ignorando os sábios conselhos, mandou sicários assassinar Britânico (seu primo) e Ottavia (sua honesta esposa), Sêneca pediu exoneração do cargo de Senador. Quando Nero desentendeu-se com Agripina e mandou degolar sua própria mãe, Sêneca isolou-se definitivamente da corja de capa e coroa. Desfrutaria da tranquilidade da alma em qualquer espaço de onde pudesse ver o céu.

Eclodira uma conspiração, liderada por Calpúrnio Pisão, à qual Sêneca e Lucano foram injustamente acusados de participação. Sentenciados de morte, ambos se fizeram matar, cortando as veias: Lucano, durante um banquete com amigos, recitando os próprios versos para exorcizar a angústia da morte; e Sêneca, após beber cicuta, reclinado numa sauna ardente.

Nero adotou como conselheiro o devasso Petrônio, com quem se inclinou para a perversão, na companhia da depravada Popeia. Petrônio debochou da corte neroniana no *Satiricon*, mostrando as orgias e aberrações da Roma decadente. O caos e a depravação, instaurados por Nero, geraram em Roma um clima de injustiça e terror.

Quando deflagrou o incêndio de 64 d.C, os súditos mais desconfiados não hesitaram em atribuir a Nero a autoria. Este, por sua vez, imputou o crime aos adeptos da seita cristã. Entre as vítimas que pereceram nesse contexto absurdo, achava-se o apóstolo Pedro, o primeiro líder do cristianismo romano. Já no tempo de Nero havia sete mil cristãos em Roma.

Gaius Plinius Secundus, conhecido como Plínio, o Velho, foi *Procurator* da Gália Narbonense, da África, da Hispania e da Gália Bélgica. Seu último e mais famoso livro, *História Natural*, composto de 37 volumes, é o único que chegou até os dias de hoje. Plínio, o Velho, morreu em 79 d. C., vítima da erupção do Vesúvio.

Caio Plínio Cecílio (ou Plínio, o Moço), sobrinho-neto de Plínio, o Velho, foi questor no tempo de Domiciano, e Tribuno da Plebe em 92 d.C. Estava ele com seu tio-avô, no dia em que Plínio, o Velho, morreu sob as lavas vulcânicas do Vesúvio. Salvo das chamas, Plínio, o Moço, deu testemunho daquela insólita eclosão, e descreveu, em sua obra literária, como sucedeu a tragédia.

Juvenal (Decimus Iunius Iuvenalis) nasceu em Aquino, na região do Lácio. Publicou suas sátiras aos governos de Domiciano e Nero, no período de 103 a 129. Ironizou os esbirros facínoras “que tornaram a honra algo ridículo”. Roma era a cidade onde os que saíam à noite com dinheiro temiam ser destroçados. Cidade em que o sono custava caro, pois a insônia vinha não só da indigestão, mas também dos preços dos aluguéis. Juvenal atesta que o ouro que se ganhava em um ano era dado ao vencedor dos jogos do circo. Se houvessem eleições livres, o povo escolheria Nero e não Sêneca.

O poeta não poupa Messalina, a mulher do Imperador Cláudio, a qual saía de noite de peruca loura e se prostituía nos bordéis. Cláudio, no entanto, não deixou que o prazer de Messalina e seu amante durasse muito tempo. Mandou os sicários encurtarem a vida de ambos. Exilado, em decorrência das suscetibilidades geradas por suas sátiras, Juvenal morreu no Egito, no ano de 130.

Marcial saiu da Hispania para residir em Roma em 64 d.C., ano do Grande Incêndio. Morou na colina do Quirinal. Em 80 d.C, assistiu à inauguração do Coliseu, construído sobre as piscinas de Nero. Foi amigo de Juvenal, Quintiliano e Plínio, o Moço. Retratou a luxuriosa vida de Roma em epigramas fesceninos e cáusticos. Seu primeiro livro, *Liber Spectaculorum*, foi publicado em 80, no contexto dos festejos da inauguração do Coliseu. Imbatível na sátira, Marcial rendeu homenagens, com ironia sutil, aos sátrapas romanos: no dia do aniversário de Domiciano, rogou aos deuses longa vida para o déspota, na certeza de que pedia um

milagre celestial, para um deus para cuja grandeza não havia augúrio exagerado. Quanto a Nerva, não ousaria mandar-lhe um poema. Nero provara o talento de Nerva, quando, na juventude, enviara-lhe um poema lascivo, com medo de desagradar o ouvido do destinatário.

Marcial sabia agradecer, quando tinha interesse. Enalteceu os dotes de orador de Plínio, o Moço, que lhe patrocinou a viagem, pois Marcial, desempregado na corte imperial, foi forçado a regressar à Espanha, onde morreu em 104, aos 74 anos.

Foi famoso na arte do epigrama.
Foi lido até por um centurião.
com os pilantras da mesa ou da cama,
fez a mais debochada gozação.
Do imperador, do escravo ou da mucama,
ironizou a vil depravação.
Quando em Roma a moral era só lama,
seu crivo não poupou nenhum bufão.
Assim, Marco Valério Marcial
exerceu com cinismo o seu ofício
de combatente do pérfido vício:
castigou a calhorda marginal.
Bandalhos reduziu ao orifício,
esse filho da Espanha triunfal.